

## DE CLARICE LISPECTOR A CAZUZA: MARCAS DA LITERATURA NA OBRA MUSICAL

Daiane Raquel Steiernagel<sup>1</sup>

*Resumo:* Este trabalho tem como objetivo estudar dois artistas – Clarice Lispector (escritora) e Cazuzza (cantor e compositor) e a relação intertextual entre suas obras. Cazuzza era fã de Clarice e teve uma grande influência dos textos da escritora em várias de suas composições. Neste trabalho será estudado, em especial, a obra intitulada de *A Via-Crúcis do Corpo*, título este tanto do livro de Clarice, como da música de Cazuzza. Porém, anteriormente a este estudo, faremos algumas colocações sobre a relação entre a arte e a psicanálise e sobre a vida de ambos, para posteriormente fazermos a comparação destas obras.

*Palavras-Chave:* Literatura; Música; Psicanálise.

*Resumen:* Este trabajo tiene como objetivo estudiar dos artistas – Clarice Lispector (escritora) y Cazuzza (cantor y compositor) y la relación intertextual entre las sus obras. Cazuzza era fan de la Clarice tiendo una gran influencia de los textos de la escritora en muchas de sus composiciones. En este trabajo estudiarse, en especial, la obra intitulada de *La Via-Crúcis del Corpo*, nombre este tanto de el libro de Clarice, como de la música de Cazuzza. Como la literatura Comparada no exclui la teoria, tal estudio tiene como base teórica la psicoanálisis. Antes la este estudio, fazemos algunas colocaciones entre la arte y la psicoanálisis y sobre la vida de el ambos para posteriormente estudiarse la comparacion destas obras.

*Palabras-Llave:* Literatura; Música; Psicoanálisis.

Sabemos por textos autobiográficos que a escritora Clarice Lispector tinha em sua escrita uma razão de viver, considerava esta mais importante que o amor. Sua preferência dirigiu-se a narrativa de seus contos, romances, crônicas e na literatura infantil. Muitos trabalhos já foram escritos procurando entender sua obra e a pessoa que era, porém, parece que as “respostas” não são suficientes, deixam questionamentos pendentes, isso ocorre porque seus textos não são simples, mas pelo contrário, a densidade da obra de Lispector é a marca registrada da autora.

Já o cantor e escritor Cazuzza, começou sua carreira escrevendo letras de músicas quais exploravam um “mundinho a dois”, pois no início da carreira Cazuzza não se preocupava tanto com questões sociais como ficou conhecido nacionalmente, esta preocupação começou a ocorrer após algum tempo, principalmente depois da descoberta de sua doença – a AIDS – parece que este fato lamentável fez com que o cantor começasse a se preocupar com questões mais abrangentes, questões referentes a sociedade em que vivia, percebemos

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Letras: Estudos Literários, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); endereço eletrônico: daiane.stei@hotmail.com.

isto claramente em músicas como: *O Tempo Não Pára*, *Burguesia*, *Ideologia*, e inúmeras outras. Foi devido a este amadurecimento musical que Cazuza ganhou tanto prestígio e suas músicas ficaram marcadas, talvez, pela eternidade.

Esta característica de falar do social, também é percebida nos escritos de Clarice, ambos a seu modo fizeram uma crítica social. Deixaram marcado em suas obras fatos de sua geração, é por isso que são tão admirados até os dias de hoje, pois não se referem apenas a questões próprias, mas escrevem principalmente sobre suas gerações e sobre seu país. A partir de uma perspectiva radicalmente subjetiva que busca pelo particular apontar as fraturas da realidade social.

A partir do proposto pretendo, desenvolver um trabalho no qual estudei estes dois escritores e a relação intertextual entre suas obras. Como a Literatura Comparada não dispensa a teoria, para fazermos um estudo comparativo usaremos a psicanálise como base teórica. Pois, para a psicanálise o social tem uma importância formadora do sujeito, ou seja, a psicanálise nasce de um cruzamento entre literatura e medicina. Percebe-se esta importância dada ao social desde os primeiros estudos freudianos em textos como: *Mal Estar na Civilização*, *Totem e Tabu*, *Moisés e o Monoteísmo*, entre outros, e esta preocupação fica ainda mais evidente a partir da formulação da tese de Lacan onde o autor dirá que “O Inconsciente é Social”. Sendo assim, percebemos que as preocupações literárias e psicanalíticas convergem ao mesmo ponto – onde se elimina a falsa dicotomia entre indivíduo e sociedade e redimensiona as intersecções entre o singular e o social.

## 1 UM DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E MÚSICA

O escritor consegue dar significados ao mundo em que vive, consegue estruturar a realidade de um modo pessoal e estilizado. Porém, a sua obra não surge do nada, o escritor ao escrever seu texto, sua música, seu livro, vem com uma carga anterior a qual é baseada em diversos autores, ou muitas vezes em uma obra específica, em um determinado autor. Não será uma cópia, mas sim “inspirado” no escrito que o antecede.

A partir disto podemos falar da relação intertextual que uma obra de arte estabelece com outras obras de arte. Neste caso, da importância que a literatura de Clarice Lispector teve na obra musical do cantor Cazuza, o qual era leitor e fã da escritora, tendo como seus livros de cabeceira *Água Viva* e *A Descoberta do Mundo*. Do primeiro, após sua leitura, se originou a música intitulada *Que o Deus Venha*, porém as influências dos textos de Clarice aparecem constantemente em sua obra, um exemplo disto é a música *A Via-Crúcis do*

*Corpo*, letra adaptada de um conto de Clarice, feita para a trilha sonora do filme homônimo de José Antônio Garcia.

Será com base nestas duas obras, uma literária e a outra musical, que faremos uma análise, falando assim da *intertextualidade* da obra de arte, pois a arte é o resultado de uma tentativa de transfigurar, para o texto literário ou para a música, uma experiência humana.

A música *A Via-Crúcis do Corpo* com letra de Cazuzu, que tem por base o livro de Clarice Lispector com mesmo título não será um reflexo do livro, ela está modificada, tendo um estilo próprio devido à questão da subjetividade de seu criador. Percebemos que a versão de Cazuzu está em primeira pessoa (como veremos a seguir), diferente do texto de Clarice que é em terceira pessoas. Isto ocorre porque o texto absorve, transforma e ao mesmo tempo adapta influências ao modo e estilo do autor. O novo texto, no caso música, será transformado através de um “mosaico de citações”.

A relação da psicanálise com a arte, especialmente com a literatura, tem sido uma constante desde os primeiros passos das formulações freudianas. A partir da literatura os mais importantes conceitos psicanalíticos tiveram sua origem, entre eles o *Complexo de Édipo*, a *noção de Inconsciente*, o *Narcisismo*, entre outros.

Então, levando em conta a teoria psicanalítica, podemos pensar a escrita como uma tentativa de responder uma demanda do sujeito do inconsciente, ou seja, a escrita seria uma busca de cobrir o vazio que o sujeito – neste caso o escritor – carrega consigo. Na escrita o sujeito (se) permite que sua subjetividade aflore de forma que não precise estar de acordo com o senso comum ou com as representações sociais existentes, isto fica evidente na obra dos dois autores quais pretendemos estudar neste trabalho.

A arte literária pode, então, ser considerada como um lugar onde o inconsciente se encena. Podemos dizer que ela se constitui no cerne da linguagem e o texto literário possibilita com que o sujeito possa transcrever as “imagens do impossível”, ou seja, do inconsciente em forma de palavras – letras, sem reconhecê-las como parte de seu desejo, já que o texto literário permite que o sujeito, à priori, conte uma história fictícia.

Considerada deste ângulo a arte literária permite que o escritor enuncie seu desejo em uma folha de papel, a qual consegue minimizar uma falta com as inscrições realizadas na escrita, sua “materialidade de texto”. As palavras serão sempre substitutas – travestidas de novas aparências e nesse percurso do discurso o desejo pode aflorar sem que alguém necessite reconhecê-lo como seu. Podemos dizer que o sintoma do escritor é o seu desejo de escrever,

muitas vezes articulado ao desejo de expressão extra-textual, como é o caso da performance musical.

Enquanto palavra discursiva, a linguagem se teatraliza, nesse palco ficcional, duplo do palco psíquico. Duplo, não idêntico, pois a relação do imaginário literário não é absoluta identidade com o psíquico. Esse se forja com uma matéria linguageira que também se torna fantasia, num jogo que se realiza num mundo de vozes que se repetem, se invertem e se subvertem (BRANDÃO, 2004, p. 33).

Podemos considerar o escritor – ou o artista – como o pioneiro a dar, através de sua obra de arte, um significado histórico às suas representações e expressões. Nosso objetivo neste trabalho não é o de saber até que ponto ele (artista) tem consciência deste processo, a nossa pretensão é de poder colher o significado que a obra de arte deixa – a obra de arte de Clarice Lispector e Cazusa, onde o corpo derrotado pela pulsão de morte sobrevive na arte que sublimou esse desejo e que incorporea no imaginário de cada ouvinte e leitor, a vida e a pulsão que a gerou. Sendo que, em especial para estes dois artistas, a escrita era como uma motivação para a vida. Vejamos alguns depoimentos:

Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. (LISPECTOR, 1978)

É a minha criatividade que me mantém vivo. Meu médico diz que sou um milagre, porque eu tenho tanta energia, tanta vontade de criar, e que é isso que me deixa vivo. (ARAUJO, 2004. p 394)

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 10 de dezembro de 1920, porém com menos de um ano de idade seus pais mudaram-se para o Brasil e foi aqui que a autora passou o maior tempo de sua vida. Esta escritora teve sua obra consagrada e estudada por diversos pesquisadores. Se concentrou em poucos gêneros literários e sua preferência dirigiu-se a narrativa de seus romances, contos, crônicas e na literatura infantil. Segundo seus críticos devido à densidade da obra de Clarice é difícil falar em sua totalidade, para tentar entender sua obra é necessário estudar cada texto, cada conto, cada romance, em sua singularidade. O fascínio pela obra desta autora, se dê talvez, por este fato, pela densidade de sua obra e especialmente pela capacidade que tinha sobre o indizível.

A impressão que temos é que Clarice se entregava de corpo e alma nas suas escritas, e fazia da literatura sua razão de viver. Em um trecho de *Água Viva* Clarice Lispector demonstra de forma sucinta essa sua relação com a escrita: “Só que aquilo que capto em mim tem, quando esta sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero seu fluxo ” (LISPECTOR, 1973, p. 16).

As narrativas de Clarice em nada tinham de tradicional, pelo contrário, a autora questionava as convenções rígidas de sua época através de seus personagens, especialmente em suas protagonistas mulheres. Outra marca de sua obra é a evocação de Deus, que leva ao conceito de “epifania”. A autora procura estabelecer um diálogo direto com Deus, pois a inspiração de Clarice parte de outros textos e um deles é a própria bíblia. Seu livro *Um Sopro de Vida* é um exemplo do diálogo da autora estabelecido com este Deus. Neste diálogo a própria voz da autora assume a criação através de sua personagem Ângela. Pode-se pensar em uma troca de lugares onde Deus assume a forma de um deus-mulher. Estas características ficarão evidentes também na obra de Cazuzza, ele mencionará “um Deus mulher, um Deus de saia” em sua composição *Cobaias de Deus*.

Esses jogos de identidade ficcional, como ocorre no exemplo anterior, é algo estruturante na obra de Clarice. Especialmente em *Água Viva* e *Um Sopro de Vida* a escritora preocupa-se com as palavras, como objeto concreto com potencial metafórico infundável.

A poética da escritura que se vai engendrando e *Água viva* expõe o trajeto de ir e vir entre pintura e escrita, o sair de uma para entrar na outra, no movimento contínuo de descosturar limites, atravessado ainda pelas múltiplas referências à música (ZILBERMAN et al., 1998, p. 51).

Outra característica marcante de nossos dois escritores – Clarice e Cazuzza – é a relação que estabeleceram com a escrita em seus leitos de morte, ambos escreviam quase que desesperadamente e tinham na sua escrita “um sopro de vida”.

A história do sujeito Cazuzza começa a ser contada em quatro de abril de 1958, uma sexta-feira santa. Sua adolescência ocorreu na transição dos anos 70-80, período marcado pela euforia onde tudo tinha que se dar ao máximo, em seu extremo. Não é à toa que o que melhor representa este período antigo é o trinômio sexo, drogas e rock’ n’ roll. Justamente o lema do poeta. Cazuzza e os protagonistas desse período tinham muita pressa em gozar a vida, como se o mudo fosse acabar a qualquer momento por isso os seus atos eram feitos sem limite algum, mas, pelo contrário, com muitas extravagâncias.

Tranço. Com homem, com mulher, não tem o melhor problema (ARAÚJO, 2004, p. 353).

Tudo na noite é mais interessante. Gosto de sair, de correr de carro em qualquer dessas Freeways da zona sul, de estar com amigos, de dançar [...] (ARAÚJO, 2004, p. 383).

Desde pequeno Cazuzza já escrevia versos e poemas. Sempre gostou muito de músicas da MPB. Essa influência veio devido à profissão de seu pai, pois

conviveu desde pequeno com cantores como Elis Regina, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa, entre outros. Também teve influência da Rita Lee, Jovem Guarda e Raul Seixas. Começou a curtir o rock aproximadamente aos quatorze anos, ouvia bandas e cantoras como Janis Joplin e Rolling Stones, influências básicas de sua música. Essas influências musicais apareciam muito em suas composições, as quais “misturavam” MPB e rock’ n’ roll. Vejamos como o poeta descreve essa característica:

Do menino passarinho com vontade de voar (Luis Vieira) a Janis Joplin. Mas com uma diferença. A dor-de-cotovelo da MPB, dando a volta por cima. “Ah, você não gosta de mim? Então, foda-se também, eu estou aqui e sou mais gostoso” (ARAUJO, 2004, p. 355).

Desde o início a relação de Cazusa com a música se dava de uma forma intrínseca e talvez tenha sido essa paixão que o motivou a lutar com tanta força nos momentos mais difíceis de sua vida, pois como ele sempre relatava, a música era praticamente um “lance sexual”. Quando subia no palco se sentia um *super-herói* e quando estava longe deste era apenas um menino tímido.

É a minha criatividade que me mantém vivo. Meu médico diz que sou um milagre, porque eu tenho tanta energia, tanta vontade de criar, e que é isso que me deixa vivo. Minha cabeça está muito boa, ela comanda tudo (ARAUJO, 2004, p. 394).

O que diferencia Cazusa de muitos cantores é que ele mesmo compunha suas letras, que diga-se de passagem, são legítimos poemas – marca de sua autoria – pois o que nos interessa neste trabalho é a letra da composição e não sua melodia.

Hoje sei que vendo meu bacalhau, mas meu lance mesmo é a poesia, que eu mastigo e vomito no público (ARAUJO, 2004, p. 359).

Ao cantar Cazusa fazia uma das coisas que mais o deixava feliz e ao mesmo tempo era o que levava de forma mais séria em sua vida. Esta trajetória será drasticamente alterada quando descobre que está doente. Essa mudança em sua vida será percebida nas letras de suas músicas, pois o interprete manifesta no corpo aquilo que o poeta institui no papel.

Podemos perceber que a partir do momento que nosso *poeta exagerado* descobriu que estava com AIDS houve um amadurecimento, percebido nas letras de suas composições. Neste período não deixou de fazer suas estripulias, porém mudou sua forma de encarar o trabalho. No início dizia trabalhar apenas para se divertir, conquistar um “broto”, depois passou a ver o trabalho de outra maneira, começou a se preocupar em cantar melhor e em falar mais de coisas abrangentes, como por exemplo, de sua geração.

Falamos, de forma breve, da vida destes dois artistas, para demonstrarmos como mesmo estando em épocas distintas, tendo uma vida diferente, as questões presentes em suas obras são semelhantes, pois ambos conseguem tratar de sentimentos, de questões sociais, conseguem ver para além de “seus mundos”.

## 2 A VIA-CRÚCIS DO CORPO

Freud ao definir a Sublimação afirma que esta é a capacidade do sujeito de investir em atividades artísticas, intelectuais, ideológicas, científicas, atividades denominadas pelo autor como “Atividades Superiores”. Compreendemos este processo como a possibilidade da pulsão se lançar a uma meta outra, distante da satisfação sexual propriamente dita. A ênfase recai, então, sobre o desvio em relação ao sexual, ou seja, pressupõem-se a manutenção do objeto da pulsão, havendo, no entanto, a transformação do alvo. A sublimação seria o que permitiria a constituição de uma dialética da alteridade por meio da inscrição da pulsão no campo da cultura, mais especificamente a “cultura de massa”. A arte seria assim, uma modalidade de sublimação às pulsões, na qual o sujeito manteria o objeto de investimento transformando seu alvo. A partir deste conceito proposto por Freud, podemos dizer que as duas obras quais pretendemos trabalhar – o conto de Clarice e a música de Cazuza – foram originadas a partir do processo de sublimação.

O livro *A Via-Crucis do Corpo* de Clarice Lispector foi publicado pela primeira vez em 1974, é composto por treze contos, os quais a mulher possui uma posição central. Alguns críticos consideram esta obra como inferior aos escritos de Clarice ou até mesmo imoral. Porém a autora, como em toda sua obra, abre espaço para falar dos sentimentos mais profundos e das idiossincrasias da alma. Vejamos o que a autora fala sobre seu livro:

[...] O poeta Álvaro Pacheco, meu editor na Artenova, me encomendou três histórias que, disse ele, realmente aconteceram. Os fatos eu tinha faltava a imaginação. E era assunto perigoso. Respondi-lhe que não sabia fazer história de encomenda. Mas – enquanto ele me falava ao telefone – eu já sentia nascer em mim a inspiração. A conversa telefônica foi na sexta-feira. Comecei no sábado. No domingo de manhã as três histórias estavam prontas [...]. Todas as histórias desse livro são contundentes. E quem mais sofreu foi eu mesma. Fiquei chocada com a realidade [...].

[...] Já tentei olhar bem perto o rosto de uma pessoa – uma bilheteira de cinema. Para sabem do segredo de sua vida. Inútil. A outra pessoa é um enigma. E seus olhos são de estátua: cegos [...] (LISPECTOR, 1974, p. 9-11).

Percebemos que apesar de alguns críticos considerarem este livro inferior, pela descrição da autora pode-se dizer que ele possui uma profundidade, característica de Clarice. MD Magno em seu livro *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*, nos faz refletir sobre a racionalidade e emoção presente na obra de arte e tenta demonstrar que ambos estão presentes na obra de arte, tanto a racionalidade quanto a emoção. Faz isto invertendo a frase de Pascal a qual diz: "O coração tem razões que a própria razão desconhece", Magno (2008, p. 38) dirá: "A razão tem corações que ela própria não se dá conta". Podemos dizer que o conto que trabalharemos a seguir é pura emoção, ou seja, a estória contada por Clarice é sobre um ato passional, onde por amor acaba se cometendo um assassinato.

Neste momento trabalharemos em especial o conto *O Corpo*, qual pode ser considerado como o cerne do livro além de ser o conto que mais inspirou o cantor Cazuzza em sua composição *A Via-Crucis do Corpo*.

O conto *O Corpo* relata a história de um homem bigamo chamado Xavier, ele mora com Carmem e Beatriz, mas além de já manter uma relação dupla, às vezes sai para manter uma terceira relação com uma prostituta. Em princípio Carmem e Beatriz nada sabem e vão se tornando cada vez mais amigas além de manterem uma relação íntima quando Xavier não estava em casa, como Lispector nos diz "faziam amor apesar de não serem homossexuais. Amor triste." Em um determinado momento Xavier chega em casa com uma marca de batom na camisa, as duas começam a ficar desconfiadas até que descobrem a traição. Ficam furiosas e decidem se vingar, Carmem pode ser considerada como a líder, aquela que planeja tudo enquanto Beatriz obedecia. Certa noite ficam olhando Xavier dormir e pensando o que fazer. Carmem diz ter duas facas na cozinha, elas pegam-nas e matam o homem.

Comparando este conto à música de Cazuzza fica claro as semelhanças, porém o cantor elabora a maior parte da letra em primeira pessoa. Além disso, podemos dizer que faz suas próprias interpretações, usa de sua singularidade. Essa é a diferença essencial entre um artista para uma pessoa que não é artista, pois as pessoas que não são também se emocionam diante de uma obra literária ou de obras de arte, já o artista consegue fazer algo a mais, outra obra de arte a partir daquela que leu ou viu. Descrevendo assim, o que sentiu ao defrontá-la, traduzindo isto (no caso de Cazuzza) em palavras. Freud nos diz que a diferença está justamente no fato do artista conseguir materializar suas emoções e fantasias, enquanto que o homem sem esse dom ficará com essas fantasias apenas no pensamento.

Vejam os a letra da composição de Cazuzza, na íntegra, para compreendermos melhor as semelhanças com o conto de Clarice:

O homem pode ter suas fêmeas  
Mulheres podem ter seu machos  
Tudo é possível no amor  
Só não volta a infância perdida  
Só não nos livramos de morrer à toa

O amor pode não ter ciúme  
A dor pode ser disfarçada  
Mas a via-crúcis do corpo  
Já foi a muito traçada

Meu Deus, estamos abandonados  
E só nos resta matar  
Meu Deus, como a vida é amarga  
E doce como chocolate

Será que eu tenho um destino?  
Não quero ter a vida pronta  
Como um plano de trabalho  
Como um sorvete de menta

Matei, mataria mil vezes  
E mil vezes não me arrependeria  
Quem mata por amor tem perdão  
Porque o amor é a morte

A comida na mesa  
Os vasos de jardim  
O corpo do ser amado  
Enterrado no jardim

Deus, por que não me procuras?  
Tenho sempre que ir a ti  
Deus, estamos cansados  
Está tudo desequilibrado

Meu ciúme é um crime comum  
Minha infância está perdida  
Não há nada de mais em matar  
O escroto que não te ama

A via-crúcis do corpo  
O mundo caminha assim  
A via-crúcis da alma  
Essa nunca vai ter fim (Cazuza. *A Via-Crucis do corpo*, 1989).

Na primeira estrofe já percebemos as semelhanças do conto de Clarice na composição. Cazuzza, da sua maneira, fala da relação de bigamia existente no conto, percebemos isso na frase “O homem pode ter suas fêmeas”. Porém a palavra pode dá uma autorização, ou seja, concorda com o fato e isto envolve a singularidade do cantor diante da leitura que fez do conto, pois em nenhum momento há uma discussão se este fato é aceitável ou não. Percebemos que o compositor usa da primeira pessoa em vários momentos da música. Será que estaria presente nesta música algo de sua vida? Não sabemos, e nem é este nosso objetivo, mas o que se percebe que é uma característica marcante em suas composições, é o fato de eliminar o amor e considerar apenas o sexo, como também faz nesta composição.

Em diversas composições Cazuzza fala de questões homossexuais ou bissexuais e *A Via-Crúcis do Corpo* é uma delas, onde percebe-se que o cantor concorda com o que se passa no conto ao dizer que “Tudo é possível no amor”. Sabemos que hoje ainda existe preconceito em relação ao homossexualismo, mas na época em que Cazuzza escreve esta composição este preconceito é ainda maior. Podemos pensar estas manifestações explícitas de demonstrar que concordava com estes relacionamentos amorosos em suas músicas como uma tentativa de instigar o ouvinte a também se questionar sobre esta temática.

“Só não volta a infância perdida, só não nos livramos de morrer à toa”. Apesar de matar seu amado, as mulheres não resgatam o tempo que passou, e por outro lado, o homem, por amar, não se livrou de morrer à toa. “O amor pode não ter ciúmes, a dor pode ser disfarçada”. Essa frase da composição demonstra o que acontecia no início do conto, pois apesar de sentir dor, ciúmes, isto era disfarçado, até que um dia aparece, pois “a via-crúcis do corpo a muito já foi traçada”.

“Meu Deus, estamos abandonados e só nos resta matar”. Esta frase demonstra, de certa forma, o que as duas mulheres sentiram ao descobrir que haviam sido traídas por uma terceira mulher, o desespero de ambas. Ao dizer “Como a vida é amarga e doce como chocolate” nos mostra a dualidade da vida, não vivemos apenas de momentos bons, mas sim um vai e vem de sentimentos bons e ruins. No conto as duas mulheres possuem uma vida feliz ao lado de seu amado apesar de ter que dividi-lo entre elas, o problema surge quando percebem que não são “suficientes” para aquele homem, ele precisa de mais, e isto mostra o lado amargo de suas vidas. Mas também, pode nos fazer refletir sobre questões outras, ou seja, a perfeição é utopia e toda vida terá o lado amargo e doce.

A quarta estrofe da composição é criação própria do cantor, o qual faz questionamentos e conclusões em relação à leitura que fizera do conto de

Clarice. “Será que eu tenho um destino? Não quero ter a vida pronta como um plano de trabalho, como um sorvete de menta”.

“Matei, mataria mil vezes e mil vezes não me arrependeria”. Ao matar Xavier, as duas mulheres demonstram tristeza, mas não arrependimento, pelo contrário chegam a ser irônicas no momento em que os policiais chegam em sua casa e elas mostram onde o corpo de Xavier está enterrado. Pois “quem mata por amor tem perdão porque o amor é morte”. Esta frase pode ser considerada como uma justificativa para o ato das duas mulheres. “A comida na mesa os vasos de jasmim o corpo do ser amado enterrado no jardim”, esta frase é muito semelhante ao que ocorre no final do conto.

A sétima estrofe, como ocorre na quarta, é algo próprio de Cazusa, e como em outras composições questiona Deus (semelhança com Clarice, pois a escritora em diversos livros usa o nome de Deus, ora para questionar, ora para exaltar, como ocorre com Cazusa). “Deus, porque não me procura? Tenho sempre que ir a ti. Deus, estamos cansados, está tudo desequilibrado”.

A próxima estrofe, também como já ocorrera anteriormente, parece ser uma justificativa para o crime ao dizer que “Meu ciúme é crime comum”, traz o leitor para dentro da história, pois ciúme é algo comum e muitos crimes já foram cometidos em função deste sentimento. A justificativa continua: “Não há nada de mais em matar um escroto que não te ama” e finaliza a composição com a seguinte frase: “A via-crúcis do corpo, o mundo caminha assim, a via-crúcis da alma, essa nunca vai ter fim”.

Enfim, percebemos que apesar de Cazusa, ora justificar as mulheres ora justificar a atitude do homem, não toma partido por nenhum dos personagens como ocorre no conto, onde não há um julgamento explícito do autor de quem está certo ou errado. Além desta, outras inúmeras semelhanças são percebidas entre o conto de Clarice e a música de Cazusa. Podemos dizer que a estória é a mesma, mas como cada autor usa de sua singularidade, o escrito posterior será semelhante e não igual ao escrito que o antecede. Apesar de Cazusa ter usado o conto de Clarice como modelo ele está modificado, até mesmo pelo medo que é elaborado, em forma de canção.

## **CONCLUSÃO**

A partir deste trabalho, da comparação de escritores com tanta importância literária, cultural e social, como é o caso de Clarice Lispector com sua obra literária, e de Cazusa com sua obra musical, percebemos como a obra de Clarice influenciou a obra de Cazusa e sua própria vida, pois o cantor se identificava com os escritos de Clarice, isto fica claro não apenas nas influências que

a escritora teve na carreira do cantor ao compor músicas inspiradas em seus textos, mas também no fato de Cazuzza considerar um de seus livros como sendo seu livro de cabeceira – o livro *Água Viva*.

A importância destes dois autores pode ser percebida no fato de anos após suas mortes ainda serem admirados e estudados. Clarice, escritora única, marcou sua geração e continua sendo lida até os dias de hoje; já Cazuzza marcou o rock'n'roll dos anos oitenta, devido a expressão singular presente nas letras de suas músicas, as quais são muito ouvidas nos dias de hoje e regrava-das por diversos cantores. Ambos os escritores falaram de questões sociais.

O conto e a música estudados neste trabalho, ambos com mesmo título: *A Via-Crúcis do Corpo*, narram uma estória que faz com que o leitor e/ou ou-vinte se questione, pois tanto Clarice como Cazuzza, conseguem fazer com que questões que sejam aparentemente consideradas questões individuais se ampliem, faz com que o receptor se dê conta de coisas que antes, talvez, não tivesse se questionado. Este conto e esta música trazem à tona um tema difícil de ser tratado, que é o caso de um assassinato passional e também, de relacionamentos considerados pela sociedade em geral como promíscuos, mas a forma com que ambos abordam estas questões faz com que “enxergamos” de outra maneira. Esta, talvez, seja a grande característica de ambos: conseguir falar de questões, que principalmente para a época que se encontravam eram questões difíceis e carregadas de preconceitos, de uma forma que muitas vezes é tida como bela, conseguindo assim, transformar temas difíceis – inquestionáveis por muitos – em reflexões.

Enfim, a partir da intertextualidade e da teoria da literatura comparada podemos unir Clarice Lispector e Cazuzza, escritores a princípio diferentes, porém estudando-os percebemos que possuíam muitas questões em comum, questões estas que os inquietavam e que os faziam escrever, pois podemos pensar a arte como uma exteriorização do conhecimento imaginativo do sujeito, que por meio de sua obra consegue expor seu conhecimento ao mundo externo, já que a arte nasce do inconsciente do criador.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Lucinha. *Cazuzza: só as mães são felizes*. Lucinha Araújo em depoimento a Regina Echeverria; projeto gráfico Hélio de Almeida. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004.

ARAUJO, Lucinha. *Cazuzza: preciso dizer que te amo*. São Paulo: Globo, 2001.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Edufres, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

LISPECTOR, Clarice. *A via-crúcis do corpo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

MAGNO, M. D. *Arte e psicanálise: estética e clínica geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Novamente, 2008.

NOGUEIRA, Arnaldo Jr. *Projeto Releituras*. Disponível em <[http://www.releituras.com/clipector\\_bio.asp](http://www.releituras.com/clipector_bio.asp)>. Acesso em 09/05/2009.

ZILBERMANN, Regina et. al. *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

